

# Ecléa Emérita<sup>1</sup>

*Paulo de Salles Oliveira*

Ao buscarmos as acepções que estão na origem latina da palavra “emérito”, sobressai a idéia de algo que *é merecido*. E é desse significado que vamos aqui tratar, pois queremos nos referir a uma personalidade muito versada na arte e na ciência que professa e que, portanto, é merecedora, com inteira justiça, do título que o Instituto de Psicologia lhe outorga. Segundo o Estatuto da USP, são dignos de receber esta honraria os professores aposentados que tenham “se distinguido por atividades didáticas e de pesquisa ou contribuído, de modo notável, para o progresso da universidade”. Sem sombra de dúvidas, em se tratando de Ecléa Bosi, estamos diante de uma pessoa insigne. Mas, o mais notável, cremos nós, é perceber *como* e de *que modo* ela se distingue.

A contribuição da Profa. Ecléa Bosi à Universidade de São Paulo é singular pela originalidade, pela profundidade e pelo brilho, conforme atestam o reconhecimento e a repercussão nacional e internacional que seu nome alcançou. Pierre Bourdieu, o conhecido sociólogo, discutia os textos de Ecléa com seus discípulos na Sorbonne, enquanto Scheibe, nos Estados Unidos, se baseava em Ecléa para construir suas reflexões em Psicologia.

---

<sup>1</sup> Discurso de saudação, em nome da Congregação do Instituto de Psicologia da USP, por ocasião da solenidade de outorga do título de “Professor Emérito” à Profa. Dra. Ecléa Bosi, em 20/10/2008.

Ecléa está entre aqueles seletos autores cuja obra está consolidada não apenas como referência em sua área de atuação, no caso a Psicologia Social, mas nas Ciências Humanas como um todo.

Seu livro, *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, lançado em 1979, atingiu a décima quarta edição no ano de 2008 e passou por várias reimpressões. Eis um trabalho que é teórica e metodologicamente ímpar pela proposição de alternância entre sujeito e objeto de conhecimento e por uma escrita capaz de dar vida à memória de pessoas idosas que reconstituem sua trajetória na cidade de São Paulo, fazendo-nos redescobrir variadas facetas da sociabilidade. Elaborava reflexões que, ao mesmo tempo, tanto são rigorosas e densas quanto lavradas em fineza incomum de estilo, sensibilidade e densidade dramática. Ecléa confere à ciência os mais elevados padrões de humanismo e, por isso mesmo, ao mesmo instante em que explica, comove, inaugurando uma Psicologia Social da Emoção, como disse Flávio Rangel.

Muitos foram os críticos consagrados que se renderam às qualidades do texto. Fiquemos, aqui, apenas com alguns nomes entre os mais conhecidos: Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Lourenço Diaféria, Paulo Sérgio Pinheiro, Octavio Ianni, Olgária Matos, João Alexandre Barbosa e Marilena Chaui, entre tantos outros. É, por sinal, de autoria de Marilena Chaui um dos mais belos e profundos balanços críticos da obra de Ecléa, recentemente publicado no primeiro número de 2008 da *Revista Psicologia-USP*.

Outro livro de Ecléa Bosi, *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*, foi lançado em 1972 e chegou à 12ª edição em 2008. Segundo a antropóloga Betty Mindlin,

O profundo respeito de Ecléa pelas operárias atravessa todo o livro (apresenta-as como) destituídas de oportunidades, mas não de conteúdo. Muitas das entrevistas ou dos relatos de leituras mostram como (estas operárias) escapam à simplificação e aos estereótipos do material que lêem: (suas narrativas) são carregados de poesia, centram-se nas trocas e conversas íntimas que têm entre si, pulsam com o desejo de ampliar o saber e o universo.

Assim, até agora são catorze edições de *Memória e sociedade* e doze de *Cultura de massa e cultura popular*. Além destes, Ecléa lançou em 2003 duas outras publicações: um livro de contos, *Velhos amigos* (hoje em terceira edição) e *O tempo vivo da memória* (hoje em segunda edição). Raros são os autores nas humanidades que alcançaram índices tão formidáveis de projeção de sua produção acadêmica e hoje se pode dizer, sem receio de errar, que qualquer estudo que se debruce sobre essa temática, tão bem trabalhada por ela, deve necessariamente ter seus livros como fundamento. Tornaram-se clássicos, conforme a definição de Ítalo Calvino, ou seja, “livros que nunca terminaram de dizer aquilo que tinham para ser dito”. O mesmo se pode dizer das obras do Prof. Alfredo Bosi, convidando a todos a constatar em qual edição está atualmente a *Dialética da colonização* ou a *História concisa da literatura brasileira*. Este mesmo Alfredo, Ecléa, que você conhece tão bem desde as aulas de literatura no cursinho. Só não sabemos ao certo se o encanto vinha da literatura ou da elegância e erudição do professor...

Foi graças ao empenho e discernimento de Ecléa como pesquisadora que ficamos conhecendo no Brasil autoras como Simone Weil, a filósofa que se tornou operária por convicção e que nos deixou reflexões sensíveis e penetrantes sobre o universo do trabalho, além de ricas anotações metodológicas sobre a atenção ao outro. Simone, que era combativa militante socialista, que discutia acirradamente com Trotsky e com Simone de Beauvoir, essa mesma Simone, ao experimentar na carne o regime de trabalho na fábrica, se dobrou humilde diante da dura rotina de trabalho. Confessou ela que:

[...] o sentimento de dignidade, o respeito por mim mesma, em duas ou três semanas, ficaram arrasados pelo golpe de uma pressão brutal e cotidiana. E não creio que tenha nascido em mim o sentimento de revolta. Não, muito ao contrário. Veio o que era a última coisa do mundo que eu esperava de mim: a docilidade.

Ecléa nos apresentou também à poetisa Rosalía de Castro, da Galiza. Otto Maria Carpeaux, o crítico literário, logo reconheceu a

beleza da tradução e também a dificuldade da tarefa, acrescentando que “aqui e lá o ‘galego’ continua ofendido e humilhado”. Ouçamos a voz de Rosalía na tradução de Ecléa:

Foi a Páscoa seca,  
choveu em São João  
à Galiza a fome  
logo chegará

Com melancolia  
olham para o mar  
os que noutras terras  
têm que buscar o pão.

Na esteira de Simone e Rosalía, Ecléa sempre foi muito combativa; dentre suas lutas estão as ecológicas, especialmente contra as usinas nucleares. Um dos escritos de Ecléa, chamado “Em defesa da vida”, alerta sobre os efeitos que um acidente que a unidade em Angra dos Reis poderia causar. O texto sensibilizou o poeta Drummond que, em 1980, escreveu um artigo dizendo:

[...] se eu fosse deputado, a esta hora, perderia o sono pensando nos riscos impostos ao país para nos envaidecermos de empreendimentos que buscam o chamado progresso e liquidam a segurança de viver (...). Acho que o Poder legislativo tem obrigação de pedir contas desse programa assustador, desenvolvido a sua revelia e sob total ignorância do povo.

A veia combativa de Ecléa pode bem ter sido herdada de sua mãe, dona Ema Strambi Frederico, que, aos 85 anos, aderiu à causa da Anistia Internacional e passou a escrever cartas a ditadores pedindo pela libertação de presos políticos. Uma dessas cartas se referia a um jovem, detido aos 23 anos de idade, e que aos 63 completava 40 anos de cadeia.

Imagino cada carta – diz dona Ema – como um pássaro que voa atravessando oceanos e, em terras remotas, vai bicar o coração de um ditador feroz. Quem sabe alguém poderá ser libertado: talvez um homem idoso como eu, que foi encarcerado muito jovem.

Hoje, com quase 90 anos, meus passos são poucos e lentos, mas penso que nossos gestos podem ter longo alcance. Quero continuar lutando...ainda e sempre.

Como docente, a Profa. Ecléa Bosi é das raras que mesmo tendo se dedicado por mais de quarenta anos ao ensino público superior ainda continua, mesmo aposentada, a lecionar em turmas de graduação. No âmbito de pós-graduação, todos sabem que para cursar suas disciplinas é preciso fazer a matrícula no dia da abertura, senão não se encontra vaga.

Uma coisa que talvez poucos saibam é que também existe a Ecléa que chega às escolas de primeiro e segundo graus. Ultimamente, ela tem sido muito requisitada para autorizar a transcrição de trechos de seus livros para obras do ensino de Português, História, Geografia e Direitos Humanos, licença que ela concede de imediato, feliz pelo fato de seus textos chegarem às mãos de crianças e adolescentes.

No plano da extensão dos serviços à comunidade, a contribuição não foi menor. Por iniciativa de Ecléa, iniciou-se em 1994 a Universidade Aberta à Terceira Idade, que acolhe pessoas maiores de sessenta anos nos cursos regulares da USP. Concebida de uma forma inteiramente original, a Universidade Aberta não segrega os velhos em turmas específicas, como é comum ocorrer tanto no Brasil como na Europa, mas os recebe nas mesmas classes dos alunos regularmente matriculados. Promove, assim, além da oportunidade de acesso ao conhecimento o ensino da co-educação de gerações. De 1994 a 2007, mais de sete mil alunos idosos freqüentaram os cursos da Universidade Aberta.

Não se pode esquecer, dentre as qualidades da Profa. Ecléa, sua simplicidade. O respeito que tem pelos sujeitos pesquisados – sejam eles

os idosos, as operárias ou a gente do povo – é o mesmo que tem por seus colegas e por seus alunos. Dela não se ouve uma palavra de soberba e jamais usa de sua projeção para se sobrepor a seus pares. Pessoas assim elevam a Universidade a seus mais dignos patamares.

Ecléa, diante de sua luminosa trajetória, é quase impossível não reconhecer que a vida nos presenteou por tê-la conhecido e pela possibilidade de conviver a seu lado. É como se nos encontrássemos com Noêmia, a personagem descrita por Cecília Meireles.

Noêmia, tanto quanto você, gosta de mexer na terra e prima por ter um jardim muito bonito. Mas, se alguém olhar para aquele jardim, curiosamente não irá encontrar muitas flores. Como explicar este mistério? Não pense, neste caso, que foram as formigas, as mesmas que tanto atormentam – especialmente a você que é incapaz de usar venenos ou produtos tóxicos. Não, a ausência de flores não se deve à voracidade das formigas. A que se deve, então?

Cecília Meireles conta que na casa de Noêmia havia

[...] um jardim tão bonito que fazia parar as criaturas que passavam por ele. Algumas pediam-lhe flores. Ela dava. Outras pediam-lhe mudas. E ela dava, dava sempre... De maneira que no seu jardim não havia agora quase nada...A bem dizer nada mesmo. Ela, porém, não estava triste. Porque as suas flores deviam estar noutros jardins.

Ecléa, cada um de nós, hoje – alunos, amigos, colegas, funcionários, professores – nos unimos aos idosos, às operárias, aos militantes ecológicos e aos inúmeros desvalidos que você secretamente auxilia com regularidade. Juntamo-nos também aos familiares e amigos que já se foram, mas que certamente nos acompanham neste e em outros momentos. Trazemos conosco, é claro, as flores de seu jardim, aquelas que você sempre nos oferece. Todas estão aqui, vivas, fulgurantes, a animar nossos corações.

Permita-nos, porém, que hoje possamos todos nós oferecer a você nosso reconhecimento e nossa gratidão na forma de um título. Este título não vem de nós; ele vicejou no jardim de sua existência. Você

talvez não tenha notado, mas nosso único trabalho hoje foi colher, dos inúmeros feitos de sua vida, um adjetivo. Não se acanhe, portanto, nos seus sentimentos de modéstia, pois a partir de agora você será também – para todos nós – a professora Ecléa emérita.

*Data de recebimento: 18/11/2008; Data de aceite: 25/11/2008.*

---

**Paulo de Salles Oliveira** – Professor titular do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, do Instituto de Psicologia da USP. E-mail: psalles@usp.br